

NEVOEIRO

נדפול

† *F. Costa Reis*

לא מרות ולא רשות, לא שלום ולא מלחמה
מגדיר נכונה, באמת ובתמים
זיו עצום זה מן הנאדמה
שהוא פורטמאל הנעצבת באונים -
בדק שאינו בוטר נבלי שבבים
פנה שאש-תעוועים מפיצה.

F. Costa Reis: Traduzindo
Pessoa para o Hebraico

A População Cristã-Nova
de São Paulo
(nos primórdios)

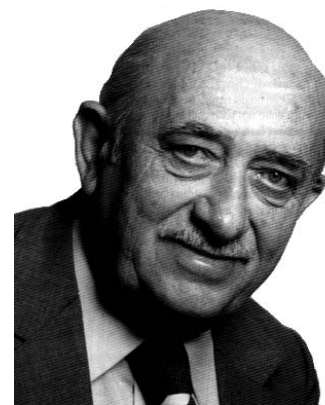
Terão os Mesquitas
ascendência judaica?
Genealogia de uma família da
elite brasileira

Hasdà: o exemplo de um
rabino italiano

Falecimentos

Endereços Úteis

Lançamentos



Marcos Zlotnik (1913-1997)

Editores

Guilherme Faiguenboim, Reuven Faingold e Alain Bigio

Correspondência

Caixa Postal nº 1025
13001-970 Campinas SP Brasil
faiguen@ibm.net

<http://www.lookup.com/homepages/82259/sgjbpage.htm>

Os artigos publicados
são de
responsabilidade
exclusiva de seus
autores.

All articles are the
sole responsibility
of their authors.

E muito mais...

Editorial

Mais uma vez colocamos nas mãos de nossos leitores amigos um número de “**Gerações/Brasil**”. Escrevemos os artigos, mas ficaríamos muito felizes se nossos leitores também se tornassem nossos autores. Seria saudável publicar outros artigos de genealogia judaica além de nosso círculo paulistano. Há tantas histórias de famílias brasileiras e portuguesas, judias ou não, sendo coletadas e que ficariam bem preservadas se fossem publicadas.

Estivemos presentes no Seminário Internacional de Genealogia Judaica que teve lugar em Paris no mês de julho onde palestramos sobre o nosso Brasil. O Seminário foi extremamente interessante e instrutivo. Ao contrario dos seminários anteriores onde os ashkenazim dominavam todos assuntos, em Paris deu-se o contrario - os sefaradim vieram com tudo e mostraram sua fantástica tradição e cultura. Para nós foi como a descoberta de um novo continente. Parabéns a Phillip e Laurence Abensur que organizaram o evento. É oportuno avisar que o próximo Seminário Internacional será em Los Angeles no mes de julho/98

Pretendíamos falar de alguns assuntos, mas outros se impuseram por sua própria força. Íamos falar do Padre Antonio Vieira. Mas foram tantos artigos publicados na imprensa, que achamos redundante escrever mais um. Nosso interesse é ser original. Assim lembramos do erudito sacerdote a quem saudamos. Ao mesmo tempo que trazemos ao leitor nosso cardápio sempre renovado.

Com certeza você conhece o pintor Modigliani. Mas e o Rabino Hasdã e o seu trágico destino? Muitas vezes você já ouviu os sussurros sobre a possível origem judaica dos Mesquitas. Será verdade? Qual a sua relação com a elite brasileira? Aproveitando o gancho, republicamos um artigo do Prof. José Gonçalves Salvador, sobre a população cristã-nova de São Paulo. Rematamos com um personagem português interessantíssimo, o tradutor Costa Reis.

Lutamos para encontrar assuntos variados e que acrescentem ao seu dia-a-dia.

Boa leitura!

Todos Nós

A População Cristã-Nova de São Paulo

José Gonçalves Salvador

Sabe-se que o número de hebreus em Portugal ao findar o século 15 somava aproximadamente 200.000, ou seja, um quinto de sua população, montante êsse, como se vê, bastante significativo. Não demorou muito, porém, e levados emigraram para outros países em virtude das medidas adotadas por el-rei D. Manuel e por seus sucessores, em consonância à ação desenvolvida pelo Tribunal do Santo Ofício. Para o Brasil não poucos foram os que vieram uma vez iniciada a colonização, tanto que em 1649 objetavam os inquisidores do Reino a D. João IV, a propósito da criação da Companhia Geral do Comércio, cujos acionistas eram da referida etnia, que, se com isso se pretendia conservar intacta a religião católica nas conquistas, segundo rezava o alvará de 6 de fevereiro, menos se conseguiria por semelhante processo, “*visto serem os habitantes delas na maior parte de nação hebréia*”¹.

Hoje pode-se ter uma idéia razoável de quantos passaram à França, à Itália, às nações do Norte e mesmo as capitanias brasileiras do Nordeste, graças a informações exaradas em documentos da Inquisição e em diversas fontes, quer religiosas quer seculares. Mas, em se tratando de São Paulo, o problema reveste-se de enormes dificuldades, porque as evidências são poucas e dúbias. As visitas do Santo Ofício à Bahia e territórios adjacentes nos séculos XVI e XVII quase nada esclarecem quanto ao Sul e nestas bandas a sua atuação foi esporádica e sem profundidade. Daí, então, alegarem alguns de nossos escritores que a população hebréia de São Paulo, ou melhor, da capitania de São Vicente, devia ser insignificante, até porque esta última vegetava na pobreza, á falta de estímulos de natureza econômica. Tal é, por exemplo, a tese do insigne A. E. Taunay, mal estruturada, a nosso ver, porquanto o historiador bandeirante não compreendeu o espírito do judeu e nem o exato sentido de um dos textos em que se baseou, conforme adiante mostraremos. E, de igual maneira, equivocaram-se os autores que pretenderam ajuizar a etnia e a religião, ou religiosidade dos moradores, estribando-se simplesmente nos testamentos, nas provas de “*puritate sanguinis*”, na concessão de hábitos

honoríficos e eclesiásticos, ou no exercício de encargos publicos, vedados teoricamente a judeus e cristãos-novos. Ora, tais critérios são comprovadamente falhos, quando vistos á luz dos fatos. Citaremos a título de curiosidade, dentre os nomes já conhecidos, os dos Vaz de Barros, dos Correia de Sá, Martim e Salvador de Benevides, o de Sebastião de Freitas, o do bandeirante Antônio Rapôso Tavares, o dos jesuítas Leonardo Nunes, Inácio de Tolosa e tantos mais.

É deveras sintomática quanto á população hebréia de São Paulo a documentação de origem hispano-americana. Já em 1610 o padre Diogo de Tórres, provincial da Companhia de Jesus, escrevia de Córdoba à Inquisição de Lima, precavendo-a contra a gente portuguesa “*infleccionada de judaísmo*” que passava ao Perú, através de São Paulo, a qual “*se ha avencidado nueva en ella, entre la mucha que hay...*”². E mais tarde o padre Francisco Crespo, em memorial ao rei, baseado nos informes de colegas do Paraguai, chama a atenção para o perigo que São Paulo constituía, afirmando que os moradores, além de indômitos e suspeitos na fé, “*muchos dellos son cristianos nuevos*”³. Também por essa época, Hernandarias de Saavedra e o governador do Rio da Prata, D. Francisco de Céspedes repetem o mesmo. Todavia, decorridos mais seis anos, ou seja, em agosto de 1637, é o presidente da Audiência de Charcas, D. Juan de Lizarazu, quem se vê na obrigação de advertir a real Majestade sobre o mal que São Paulo oferece e a cujos habitantes imputa o labéu de judeus, aconselhando Filipe IV a preservar os índios das Reduções “*que no una gravilla de judios congregados en aquel paraje*”⁴. E nesse diapasão souou a voz de eclesiásticos e de civis ainda noutras oportunidades, embora com certo exagero, procurando influir assim no ânimo das autoridades paulistas.

Não nos parece, em vista do exposto, que a documentação castelhana e a vicentista se contradigam plenamente. Antes, elas se completam, demonstrando que o acervo israelita na capitania era valioso. Basta recorrer às atas da vila planaltina. Tomemos, por exemplo, a de 6 de julho de 1613, na qual se lê que o procurador da Câmara mandou

que se trouxesse à reunião o livro da “*finta*” dos cristãos-novos e homens da nação hebréia, a fim de que se soubesse da verdade, pois dar-se-ia o caso “*que alguns dos fintadores morra*”. Tal finta vinha sendo cobrada desde 1606 e à mesma estavam sujeitos todos os da etnia hebréia, em vista de concessões outorgadas pelo rei, revogando um decreto ou conseguindo para eles o perdão geral do chefe da Igreja. A quantia era dividida em Portugal e repartida mais ou menos equitativamente a quantos habitassem também nas conquistas, segundo as áreas de localização. Como então, a cota ou cotas atribuídas à capitania martim-afonsina, exigira diversos fintadores, concluiu-se que os contribuintes não seriam tão poucos, ou que no mínimo, uma série de encargos foi estipulada. Anos depois, a incumbência recairia sobre o mercador de nome Gaspar Gomes. Em 1622 os edis paulistanos mandaram chamá-lo para se inteirarem sobre quem havia pago e ele lhes citou explicitamente os nomes de três: Rodrigo Fernandes, Tomás Freire e Francisco Vaz Coelho, porque “*os mais não se lembrava reportando-se ao dito livro*”, isto é, ao competente livro de registros. Ora convém esclarecer que muitos anos já eram passados desde que efetuara a arrecadação, pelo que não se lembrava dos contribuintes. Gaspar Gomes não declarou inexistirem outros e sim que não se recordava da situação dos restantes. Se de fato, aqueles eram os únicos, que teria sucedido a Pedro Vaz de Barros, a Sebastião de Freitas, aos Fernandes povoadores, aos Tavares, aos descendentes de Cristovão Diniz, de Estevão da Costa e de diversos outros?

Em meados de fevereiro de 1616 deu-se um acontecimento sui-gêneris, digno de referência. Na sessão do dia 15 o procurador lançou um protesto na Câmara, pois Jorge Neto Falcão dissera na véspera, em casa do provedor Diogo de Quadros, “*que havia de fintar este povo com a finta dos cristãos-novos...e sendo tais os podia botar, fôssem cristãos velhos ou não*”. Trocando isso em miudos: a população toda devia ser atingida, porque tantos eram os da linhagem hebréia que o próprio fintador se sentia em dúvida para distinguir os dois grupos.

José Gonçalves Salvador, 81, pastor metodista nascido em Lins, Doutor em Ciências Humanas (USP). É o autor de *Cristãos-Novos, Jesuítas e Inquisição; Os Cristãos-Novos: Povoamento e Conquista do Solo Brasileiro; Os Cristãos-Novos e o Comércio no Atlântico Meridional; Os Magnatas do Tráfico Negreiro (séculos XVI e XVII) e Do Amanhecer ao Pôr-do-sol. Autobiografia Resumida.*

Esse livro das fintas existia em São Paulo ainda no ano de 1728, quando foi mencionado na habilitação de gênero do bacharel Pedro Taques de Almeida, e deve ser o mesmo referido no *Registro Geral da Câmara*, em 1618. Em determinado dia, ao ser cobrado o bem conhecido Francisco Lopes Pinto, tido na conta de cristão-novo, negou-se a isso, apresentando certificados de “*puritate sanguinis*”. E, então, obedecendo as ordens do provedor da Fazenda, o escrivão riscou o nome de Francisco “*do rol donde está assente a gente da nação a fôlha vinte e uma na volta dela*”. Tratando-se, por conseguinte, de livro especial, destinado às fintas, é claro que se cada página contivesse dez nomes, até ao verso da vinte e uma seriam cerca de duzentos e dez. Mas, em todo caso, se os registros se efetuavam por ordem alfabética, pelo sistema de índices, o de Francisco estaria precedido por não sabemos quantos e seguido por outros mais.

Lembraria finalmente, em abono de nossas assertivas, a denúncia de frei Diogo do Espírito Santo à Inquisição, em 1625, alertando-a contra o perigo que constituía o elevado número de cristãos-novos nas capitanias do Sul.

De sorte que a tese defendida outrora por Paulo Prado, mais e mais se vai confirmando. Sem dúvida, conforme afirmou, a influência da gente hebréia foi marcante na vida e nas ações dos antigos moradores da capitania, sobretudo no planalto⁵.

Notas

- ¹ Bibl. Nac. de Lisboa, cód. 656.
- ² J. Toribio Medina, *La Inq. En el Rio de la Plata*, p. 336 e segs.
- ³ *Anais do Museu Paulista*, t. II, p. 283 e segs.
- ⁴ *Ibidem*, passim.
- ⁵ Paulo Prado, *Paulística*, pp. 18 e 19.

Lançamentos:

Olavo de Medeiros Filho é um respeitado historiador potiguar, terra onde a boa escrita de História já é uma tradição. Basta lembrar Luís da Câmara Cascudo, mestre de todos nós, passando por outros, como Marcos Antonio Filgueira. Medeiros que é sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, e nosso consócio, escreveu livros importantíssimos como “*Velhas Famílias do Seridó*”. Neste ano ele lançou “*Aconteceu na Capitania do Rio Grande*” (205 páginas). É um livro muito interessante, em especial para os genealogistas que lidam com as influências etno-culturais dos descendentes de conversos na vida luso-brasileira. Há um capítulo imperdível: “*Os Cristãos Novos da Paraíba e a Inquisição*” (pp. 163-178), onde ele descreve a descendência dos cristãos-novos Ambrósio Vieira e Joana do Rego, Diogo Nunes Tomás e Guiomar Nunes, André Lopes e Maria Henriques e o casal misto Tomás Nunes e Serafina Rodrigues de Almeida. [O. de Medeiros Filho, rua da Conceição, 622, Natal, RN, 59075-270].

Você sabe quem foi João Batista Machado? Provavelmente não. Ele é um dos milhares de personagens registrados pelo historiador **Claudio Bastos**, nosso ativo consócio, residente em Belo Horizonte, no livro

“*Instituições Financeiras de Minas. 1819-1995*” (Belo Horizonte, 1997, 346 pp.). Ele conta a história dos bancos mineiros, desde João Batista Machado, séc. XIX, o primeiro banqueiro, antepassado dos Almeida Magalhães, donos de uma “Casa de Alugar Dinheiro”, até os nossos dias, com o fim do Banco Nacional (dos Magalhães Pinto), absorvido posteriormente pelo Unibanco, dos também mineiros Moreira Salles. Além do texto claro e objetivo, há uma ficha técnica de todas estas casas bancárias, seus números contábeis e a relação nominal nominal de todas as diretorias. São milhares de nomes que desfilam por suas páginas, nomes que não são apenas de banqueiros, mas da também da política nacional, que como se vê são atividades inter-relacionadas. Para a genealogia judaica este livro reveste-se de um interesse particular, pois é atribuído a mentalidade cristã-nova dos mineiros, a compreensão e o interesse pela atividade financeira. Com certeza, partindo desta base documental, o empirismo desta afirmação, poderá ser ou não confirmado. Este é um trabalho que espera os pesquisadores deste tema. Nosso cumprimentos a Cláudio Bastos pelo seu lançamento. [C.A. Bastos, Rua Campanha, 114, apto. 501, Carmo, Belo Horizonte, MG, 30310-770]

Os Mesquitas de Campinas e São Paulo

A Dinastia Centenária de Jornalistas (1891-1997)

Paulo Valadares

The Mesquita family is one of the most important Brazilian families. They are, since a hundred years ago, a dynasty of journalists who publish the major Brazilian newspaper “O Estado de São Paulo”. One can say they are liberals in the British style. During the Monarchy, they were Republicans and Abolitionists. Later they were against Fascism and Communism. Today they are in favor of a free economy. The first one was Julio César Ferreira Mesquita (1862-1927), the son of Portuguese immigrants who graduated from Law school and married into an aristocratic coffee planters family from São Paulo. He is also founder of the “O Estado de São Paulo”. His son Julio de Mesquita Filho (1892-1969) succeeded him, and thanks to his strong character and intellect he managed to bring respectability and credibility to the newspaper. His son, also bearing the same name, Julio de Mesquita Neto (1922-1996) kept the family tradition.

As always happens, a successful dynasty produces envy and admiration. Political enemies attacked them using a weapon that was once successful, anti-semitism. Even knowing they were conservative Catholics, the detractors usually refer to a probable New-Christian origin of the Mesquita family. They point to Vila-Real in Tras-Os-Montes, Portugal, a small town where many New Christians and Judaizers lived due to its remote location from Lisbon and the Inquisition. There were Conversos using Mesquita as family name while dwelling in Vila-Real. Another indicative would be the frequent use of biblical names among the girls of the family (an uncommon practice amongst the Brazilian Catholics).

In the quest to tell this story we gathered all available documentation and sketched a genealogy of the descendants of Julio Cesar Ferreira Mesquita, while using the family history as background and telling the relationship of this family with the Jews. In this essay, we describe not only a Brazilian genealogy of publishers and journalists but also the story of a family that gathers all typical characteristics of a Portuguese Brazilian family with old aristocratic background and also recent immigrants, all of Portuguese origin. We could have written this article in one of several ways. Our objective was to record the the Jewish influence in the Brazilian life. We could have looked at the Mesquita family through their aristocratic side. It was just a matter of choice.

Os Mesquitas no Brasil

Os Mesquitas que ora controlam o jornal “O Estado de S. Paulo”, pertencem a uma dinastia jornalística centenária sem par no mundo das comunicações, ombreada somente pelos norte-americanos Ochs, que controlam o “New York Times”, desde 1896.

Com o falecimento do último grande Mesquita, neto da Fundador, resolvemos contar a história desta família luso-brasileira, abordando fundamentalmente uma questão polêmica, a sua origem judaica, ou não, recebida através de possíveis ascendentes “conversos”. Aproveitando assim para mostrar a história de uma família brasileira, das chamadas “*quatrocentonas*”.

São duas as linhas que convergem para a formação destes Mesquitas brasileiros, uma vinda da *landed gentry* cafeicultora paulista, endogâmica e registrada no “*Silva Leme*”, e outra de profissionais liberais, de origem portuguesa, mais recente e urbana.

Estes Mesquitas são relativamente recentes no Brasil, e começam com o tenente português **Francisco Monteiro**, do exército de Lécor, que veio ao Brasil fazer a guerra da Cisplatina, retornando depois à metrópole, já com as divisas de capitão. Este militar teria uma origem modesta, talvez até de camponeses transmontanos. Mas era casado com **Maria Mesquita**, da nobreza de **Vila Real de Trás-os-Montes**. Segundo Júlio de Mesquita Filho, a família Mesquita trazia “*nas veias o mesmo sangue de quem se tornaria, tempos depois, o herói do mais belo e conhecido dos romances de amor de Camilo*”.

O casamento assimétrico, entre um *hobereau* e uma nobre, ainda que tendo fumaças de cristã-nova, teve lances romanescos, que somente com a força de vontade de ambos, foi possível acontecer.

Quando Portugal, e a Casa de Bragança, cindiu-se entre os seguidores de D. Pedro IV e os “*miguelistas*”, o velho capitão Monteiro, optou pela tradição legitimista e ficou entre estes últimos. Derrotada a sua facção política, buscou o exílio no Brasil. Foi quando os filhos recusaram-se a vir para América, desobedecendo a autoridade paterna, e aí, tiveram que deixar também o seu sobrenome, adotando o sobrenome materno.

Outra versão familiar¹, diz que o casal morreu antes da maioridade dos seus filhos, e três deles, foram criados por um tio padre. O mais velho, Antonio Júlio Mesquita, ao dissipar a pequena herança recebida dos pais, migrou para o Brasil, estabelecendo-se em Campinas, onde encontrou outra família trasmontana, os Ferreira Novos, pequenos proprietários rurais de Relvas, Portugal, casando-se com Maria Ferreira Novo. Os outros dois irmãos, Augusto e Francisco, vieram depois, seguindo os passos do irmão mais velho. Francisco casou-se com **Maria da Conceição Ferreira Novo** (Relvas, 1834 - S. Paulo, 1910). E a filha única do casal Antonio e Maria, Luísa Mesquita, casou-se com João Ferreira Novo, filho de um tio materno dela, Francisco Ferreira Novo.

É possível que os Mesquitas já estivessem aparentados aos Ferreiras Novos em Portugal, pois no batistério de Júlio Mesquita, seu pai e tio ostentam o sobrenome Ferreira Mesquita. No certidão de óbito de Francisco, consta que o mesmo chama-se “*Ferreira de Mesquita*”, e que ele nascera em Relvas.

Francisco Ferreira de Mesquita (Vila Real, 1838 - Itapira, 1898), foi comerciante em Campinas, possuindo uma “casa de comissões, depósito de sal, açúcar, etc”, na rua General Osório. Participou ativamente da vida social campineira, pois pertenceu à Loja Maçônica “Independência”, e, foi um dos fundadores da Beneficência Portuguesa local. Teve também outros negócios, foi até fazendeiro de café em Jacutinga.

Francisco Mesquita chegou a retornar com a família para Relvas. Na viagem de retorno o navio naufragou na costa da Bahia, onde teve que esperar os filhos restabelecerem a saúde, para prosseguir viagem. Os Mesquitas viveram três anos em Portugal, voltando depois a Campinas.

Do casal encontramos sete filhos: Adelaide, casada com Antonio Júlio Nogueira da Silva; Augusto César, o “Néné”, casado com

¹ Esther Mesquita. “*Um Livro de Memórias Sem Importância*”(SP, 1981), p. 58-9.

Antonieta Pimenta Mesquita; Maria Preciosa, a “Mariquinhas”, casada com o Dr. Pedro Augusto Pereira da Cunha; Francisco, o “Chiquinho”; Ermelinda, a “Biloca”, casada com o poeta e jurista Vicente de Carvalho²; Constantino, o “Tantico” e **Júlio César Ferreira de Mesquita**, que blasonou ao nome e também à família, fundador da dinastia jornalística.

Vila Real, Camilo e os Mesquitas.

Supõe-se que a friorenta **Vila Real de Trás-os-Montes**, muito próxima da serra do Marão, teria sido fundada por Dom Diniz em 1288. Aproveitando as ligações da cidade com a real dinastia, muitas famílias fidalgas nela se fixaram, tanto que se chegou a contar trinta casas brasonadas por ali. Também muitos cristãos-novos fizeram a mesma opção, empurrados pela expulsão espanhola de 1492, e atraídos também pela prudente distância das varas da Inquisição. Lá viveram os cristãos-novos Francisco Fernandes e Violante Dias, pais do infeliz Manuel Fernandes Vila Real, queimado no Auto da Fé de 1652 e de quem descende Benjamin Disraeli, onde possuíam *loja de fanqueiro*, isto é, “de venda de tecidos de algodão, lã, linho”, na Fancaria de Cima.

Porém quem colocou a cidade na literatura portuguesa, tirando-a do anonimato provinciano, foi o grande Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco (1825-1890), lisboeta de nascimento, mas oriundo de família vila-realense, trasmontana até os ossos, autor do romance “*Amor de Perdição*”(1862), onde reviveu os amores proibidos do seu tio, o turbulento Simão Botelho e a “*menina de quinze anos, rica herdeira, regularmente bonita bem nascida*”, Teresa de Albuquerque.

Neste romance, Camilo descreve um pouco de sua Vila Real e, também a sua família, em especial Domingos José Correia Botelho [*de Mesquita e Meneses*], seu avô paterno, descrito por ele como um “*fidalgão de linhagem e um dos mais antigos solarengos*” da cidade. Porém na verdade, descendente de cristãos-novos, por várias linhas ancestrais, oriundos que eram da colônia hebraica local.

Pois o Camilo, apesar de fazer gala da fidalguia de sua linhagem, era de origem cristã-nova, tanto que um genealogista, chegou a calcular com a precisão de uma matemático do Santo Ofício, a extensão do seu “*sangue impuro*”(sic). Ele seria de acordo com estes cálculos, “*13/256 cristão-novo, ou seja, 5,078% cristão-novo*”³ (??). Entre os seus antepassados de origem israelita destacamos os “*Barbados do Assougue*”; Diogo Dias, o “*Cheira Dinheiro*”; a senhora Rachel Mendes, a “*Barbada*”; Martim Menezes, “*que acoimavam de judeu, da casta sefardim, que tem rabo* (sic)”, como descreve Aquilino Ribeiro, dentre outros, que o tempo passado deixou-os anônimos.

Na genealogia camiliana vamos encontrar também a Diogo Luís de Mesquita Castelo Branco, seu trisavô, que deve ser, não apenas uma intersecção onomástica, uma coincidência fonética, mas familiar e genética, com os Mesquitas da Marginal do Tietê, como reconhece o clã paulista.

Alfredo Mesquita quando esteve em Vila Real anotou bem-humoradamente : “*Não há mesmo notícia de Mesquitas morando aqui...Felizmente tenho muitos sobrinhos varões que darão um novo surto à estirpe desaparecida do seu berço natal*”⁴.

² A geração deste casal foi descrito por Barros Brotero, em “*Tribunal de Relação. Sob o ponto de vista genealógico*”(SP, 1944), pp. 303-309.

³ José de Campos e Sousa. “*Processo Genealógico de Camilo Castelo Branco*” (Lisboa, 1946).

⁴ Alfredo Mesquita. “*Na Europa Fagueira*” (RJ, 1942), p. 74.

Mesquita é um fósil onomástico da presença mourisca na Península Ibérica, um despojo militar, e teria sido adotado por cinco irmãos da família Pimentel, de Vila Real, que nas guerras contra os muçulmanos, sob o comando de D. Afonso V, teriam tomado um destes locais de orações islâmicas (*meçchid* em árabe, daí *mesquita* em português) na marroquina Arzila. O brasão familiar com as cinco cintas, sete flores de líis, a azagaia e o mouro nascente, em ouro e azul, alude a esta façanha. Não há documentação razoável para confirmar esta história com ares de lenda. Baseada muito provavelmente nos arquétipos formadores da nação lusa. O certo é que o nome não prosperou na nobreza lusitana. O melhor que encontra nos nobiliários é o registro de um general anti-miguelista da mesma Vila Real, e um escritor e jornalista, Augusto César Ferreira de Mesquita (1841-1912), de nobreza mais que recente⁵.

O sobrenome Mesquita, como a maioria dos sobrenomes portugueses, é usado tanto por Cristãos-Velhos e Novos. Algo que ocorre desde o prosaico Silva ao dinástico Bragança. São sobrenomes usados pelos descendentes de “*convertidos*” na busca da assimilação ao meio nacional cristão e latinizante.

Já que não há muitos Mesquitas nos Gothas, resta-nos procura-los nas listas de sambenitados pelo Santo Ofício. A relação deles é considerável, todos condenados por “*culpas do judaísmo*”. Alguns deles nos chamam a atenção, como o banqueiro paulista Gaspar da Costa Mesquita, que tomou “*cárcere e hábito perpétuo*”, enquanto seu filho Teotônio, de 26 anos, foi queimado como “*judeu convicto e impenitente*”, em 1686. Muito mais tarde, vai aparecer nesta história, um judeu francês, Dr. Samuel Edouard da Costa Mesquita, dentista em S. Paulo, e que mesmo morto participou da campanha eleitoral de 1937. Mas esta é outra história, aguarde!

Outro Mesquita do século XVII e perseguido pela Inquisição foi Antônio do Vale de Mesquita, também nascido em Vila Real em 1654, como alguns de nossos personagens. Era “*mercador*”, e estava ligado pelo casamento a uma família de senhores-de-engenho de São Gonçalo, no Rio de Janeiro, chamados os “*Gordos de Columbandê*”, descendentes da família do último *Gaon* (sábio judeu)de Castela, os Aboabs. Denunciado, foi preso em outubro de 1710, e saiu no Auto da Fé, em 26 de junho de 1711, condenado a “*cárcere e hábito perpétuo*”(Processo nº 4440, Inquisição de Lisboa). Usando o vocabulário político contemporâneo, informo que caíram também a sua mulher e filhos⁶.

Enquanto isto acontecia na Península Ibérica, o descendente de uma família expatriada por estas perseguições etno-religiosas, o holandês Moses Gomez de Mesquita, assumiu a honrosa posição de *hacham* (sábio) da “*Spanish and Portuguese Jews' Congregation*”, em Londres. Era o ano de 1744.

Não sabemos se estes Mesquitas supliciados pela Inquisição são os mesmos Mesquitas de Camilo Castelo Branco e os do *Estadão*. Restam apenas o mesmo nome, muitas vezes a mesma Vila Real, para que nós possamos um dia armar o quebra-cabeças completo dos ancestrais portugueses da família.

⁵ Augusto César Ferreira de Mesquita, primeiro Conde de Mesquita, era filho do vice-almirante Francisco de Paula Ferreira de Mesquita. Do seu casamento com uma sobrinha do estadista Fontes Pereira de Melo teve dois filhos: o engenheiro João de Fontes Pereira de Melo Ferreira de Mesquita, que casou-se com uma irmã de Paiva Couceiro, e teve Maria do Carmo Ferreira de Mesquita, presidente da “*Liga de Ação Católica Portuguesa*”; e o segundo filho do Conde, o pianista Rui Ferreira de Mesquita. Não conseguimos estabelecer qual o parentesco entre estes Ferrerias de Mesquitas portugueses e os nossos biografados. Mas percebe-se que a onomástica dos dois ramos é muito parecida.

⁶ Alberto Dines. “*Vínculos de Fogo (I)*” (SP, 1992), pp. 387, 437.



Júlio de Mesquita, o patriarca

Júlio César Ferreira de Mesquita, nasceu em Campinas, em 18 de agosto de 1862, filho de pai e mãe portugueses. O seu batistério registra o nascimento do fundador deste ramo brasileiro de Mesquitas e do jornalista que deu timbre ao “O Estado de S. Paulo”: “*Júlio: aos vinte e dois dias do mes de setembro de mil e oitocentos e sessenta e dois, na Matriz desta cidade de Campinas, o Reverendo Coadjutor Sabato Antonio de Luca baptisou e poz os Santos oleos a Julio, de trinta dias, filho de Francisco Ferreira Mesquita e d. Maria da Conceição Ferreira Mesquita. Forão padrinhos Antonio Julio Ferreira Mesquita e Maria Ferreira Mesquita*” (Livro 09, do Registro de Batizados da Catedral, fol. 87v-88).

Há também um mistério neste batizado, pois foi descoberto por Mário Pires, outro batistério de Júlio de Mesquita, afirmando que o mesmo teria se batizado um ano antes, em Santa Bárbara. O pesquisador campineiro sugere duas hipóteses para tal fato. Este registro anterior teria sido forjado para se matricular na Faculdade de Direito, antes da idade requerida, ou, transcrevendo textualmente outra conjectura: “...*Os Mesquitas seriam de origem israelita, ou cristãos-novos. A ser verdadeira a alegação, talvez pudesse explicar em parte o mistério dos dois registros, com elementos da família interessados em despistar ou encobrir a verdade dos fatos, a fim de não encontrarem resistências no meio social onde viviam*”⁷.

A única aproximação conhecida de Júlio de Mesquita e o Judaísmo, foi a “*leitura assídua da História do Povo de Israel*”-como lembrou o filho, herdeiro e consagrador do nome, que “*seria decisiva para a formação de sua personalidade cultural*”. O resultado desta afinidade pode ser visto nos nomes de suas filhas, todos retirados do Velho Testamento, de uso pouco comum entre católicos. E também laços de simpatia com os judeus, tanto que apesar das missas de sétimo dia rezadas para os falecidos da família, coube também, como no enterro de José Vieira de Carvalho Mesquita, a anotação de que “*o rabino Henry Sobel, amigo da família, fez orações junto ao caixão*”. Registre-se também que o ex-libris do jornal descrito como um vendedor de jornais de São Paulo antigo, é uma figura mais próxima da iconografia messiânica judaica, pois lá estão o cavalo e o cavaleiro com a trompa, anunciando a redenção.

O certo é que Júlio de Mesquita casou-se com uma jovem pertencente ao patriciado cafeicultor paulista, Lucila de Cerqueira César, filha do senador José Alves de Cerqueira César (S. Paulo, 1835 - S. Paulo, 1911), vice-governador do estado bandeirante, e de Maria do Carmo Salles, irmã de Manuel Ferraz de Campos Salles, presidente da República, tetraneta de Francisco Barreto Leme, o fundador de Campinas⁸.

Mesquitas e Cerqueiras Césares casaram-se mais uma vez. Um filho do Senador, Bento, casou-se com uma filha de Adelaide Mesquita e Antonio Júlio Nogueira da Silva, de nome Ana Luiza, e apelido “Donana”, e foram os pais de Roberto de Cerqueira César, professor de Arquitetura e Urbanismo da USP.

⁷ Mário Pires. “*Campinas, Sementeira de Ideais (Vultos e Tradições)*” (Limeira, 1981), I, p. 131-49

⁸ Teodoro de Sousa Campos Jr. “*História da Fundação de Campinas (Subsídios)*”, in “*Monografia Histórica do Município de Campinas*”(RJ, 1952), pp. 142-168.

O casal Júlio César e Lucila teve doze filhos: Ester, Rachel, Rute, Maria, Júlio, Francisco, Sara, Judite, Lia, José, Suzana e Alfredo Mesquita.

Júlio de Mesquita foi advogado, político e principalmente jornalista. Tendo assumido em 1891 a direção de “O Estado de São Paulo”, dando início a dinastia que hoje controla o jornal e também a empresa. Ele morreu em São Paulo, à 15 de março de 1927.

A segunda geração brasileira

Os filhos de **Júlio César** e **Lucila (Cerqueira César) Ferreira de Mesquita**⁹ já enumerados anteriormente deixam a seguinte geração, além de outro Júlio de Mesquita, que engrandeceria mais a família. São eles:

Esther Mesquita, a “*Teté*” (1884-1963), que escreveu o seu testemunho franco sobre a família, originalmente em inglês com o título “*An Unimportant Book of Memoirs*”, e que traduzido por sua sobrinha Lúcia Portugal de Salles Oliveira recebeu o título “*Um Livro de Memórias sem Importância*”.

Rachel Mesquita (1887-1950) que se casou com Armando de Salles Oliveira (S. Paulo, 1887 - S. Paulo, 1945), Interventor e depois Governador deste Estado, e um dos criadores da USP, cujo campus leva seu nome. Que tiveram por sua vez três filhos: Armando de Salles Oliveira Filho, casado com Maria Helena Gomesoro; Júlio de Salles Oliveira, casado com Lúcia Portugal e Lucila de Salles Oliveira, casada com Antonio Luiz Teixeira de Barros.

Maria Mesquita (1890-1974) casada com o Dr. Carolino da Mota e Silva.

Os dois filhos e uma filha de Júlio de Mesquita, tanto o delfim, Júlio de Mesquita Filho, quanto Francisco Mesquita, e Judite, casaram-se com filhos do eminente médico **Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho** (Campinas, 1867 - S. Paulo, 1920), que foi o primeiro diretor da Clínica Ginecológica da Faculdade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo e que mais deu seu nome àquela importante avenida entre a Escola de Medicina e o Cemitério do Araçá. O Dr. Arnaldo foi casado com **Constança de Mello Oliveira**, oriunda de uma linhagem de bacharéis, que viveram às voltas com o Santo Ofício por conflitos e inconformismos teológicos, digamos assim. Eles merecem que se conte um pouco mais de suas vidas.

O primeiro deles, Stanislaw José de Oliveira, professor de retórica, um de seus alunos foi o padre Feijó e outro de seus descendentes notáveis é o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira, nasceu em Portugal, e foi escorraçado pelo Santo Ofício daí, vindo para o interior paulista exercer o seu ofício.

Os seus descendentes casaram-se na aristocracia cafeicultora paulista. Ele morreu em Campinas, em 1823, onde foi enterrado na igreja matriz. É o bisavô de Constança e quem transmite o azeitonado e quase bíblico sobrenome Oliveira.

Outro destes bacharéis inconformados foi Francisco de Mello Franco (Paracatu, 1757 - Ubatuba, 1823), considerado o pai da puericultura brasileira, e que por seu inconformismo, acertou contas com a Inquisição, saindo com o *sambenito* e à confiscação de bens, no Auto da Fé de 26 de agosto de 1781. Não há a menção de origem cristã-nova, pois esta classificação étnica fora abolida por Pombal em 1773. O seu filho, Justiniano de Mello Franco, também médico, viveu em Campinas. Ambos são personagens do livro “*Cristãos-novos e seus Descendentes na Medicina Brasileira (1500/1850)*”, da historiadora Bella Herson. Justiniano é outro dos bisavós de Constança e quem lhe dá o sobrenome Mello.

⁹ João Gabriel Sant’Ana. “*Genealogia Sebastianense*” (SP, 1976), pp. 136-7, 276-9, 329-330.



Júlio de Mesquita Filho, estudante em Lisboa

Júlio de Mesquita Filho (S. Paulo, 14-02-1892 - S. Paulo, 12-07-1969), o “*Dr. Julinho*”, casou-se com Marina Vieira de Carvalho. O casal teve três filhos: Júlio de Mesquita Neto, Ruy Mesquita e Luíz Carlos Mesquita. Ele foi o responsável pela direção editorial do jornal entre 1927 a 1969. Ensaísta, sociólogo, historiador, membro da Academia Paulista de Letras (cadeira 38), foi também um dos criadores da USP, e um dos líderes do Movimento Constitucionalista de 1932. Talvez tenha sido a maior figura da linhagem.

Francisco Mesquita (22-04-1893 - 08-11-1969), o “*Dr. Chiquinho*”, casou-se com Alice Vieira de Carvalho (1901-1992), “*Dona Alicinha*”. O casal teve três filhos: Luiz, José e Maria Cecília Vieira de Carvalho Mesquita. O “*Dr. Chiquinho*” dedicou-se à administração do jornal, transformando-o na grande empresa que hoje é o Grupo O Estado de S. Paulo. Esta vocação administrativa foi passada aos seus descendentes, tanto que o atual Diretor Superintendente é Francisco Mesquita Neto, e o Diretor Comercial, Roberto C. Mesquita, ambos seus netos.

Judite Mesquita (1897-1963) casou-se com o Dr. Carlos Vieira de Carvalho também filho do Dr. Arnaldo, com geração.

Sara Mesquita (S. Paulo, 03-1-1896 - ?) casou-se com o Dr. Antonio Machado de Mendonça, jornalista de O Estado de S. Paulo (um filho do casal é o Dr. Paulo de Mendonça)¹⁰

Restaram solteiros, **Alfredo César Ferreira de Mesquita** (1907-1986), romancista, teatrólogo, fundador e diretor do Grupo Experimental de Teatro e a Escola de Arte Dramática de S. Paulo, e também a sua irmã **Lia Mesquita** (1899-1980). Faleceram na infância: **José Mesquita** (1901-1902), **Suzana Mesquita** (1902-1905) e **Ruth Mesquita** (1889-1906).

Apenas um folheto anti-semita

A história da possível origem judaica dos Mesquitas chega até os nossos dias, difundida tanto por motivos de engrandecimento, alimentada para a auto-estima de grupos discriminados, quanto como arma política, aproveitando os sentimentos anti-semitas de muitos, buscando inabilitá-los para a vida pública. Procurando atingi-los o historiador integralista Gustavo Barroso, colocou-os como personagens em vários de seus livros, verdadeiros *tições* (folhetins anti-semitas) contemporâneos.

O mais interessante deste escritos foi um boletim anônimo, distribuído nas portas de igrejas católicas, na abortada campanha eleitoral de 1937, atacando Júlio de Mesquita, já falecido, e Armando de Salles Oliveira (cunhado de Julio de Mesquita Filho), que era o candidato a presidente.

Por cortesia da profa. Maria Alves de Paula Ravaschio, do Centro de Memória da UNICAMP, temos uma cópia de um folheto. Nele a principal vítima é a Verdade, além do próprio Armando de Salles Oliveira. Numa só página, em 34 linhas, o autor anônimo procura traçar a genealogia do político paulista, atribuindo-lhe uma ascendência ashkenazi, e colocando-o como membro de uma conspiração judaica para dominar o Brasil e depois o mundo, é claro. Aproximando verdades, meias verdades e mentiras o escriba distorce a biografia de alguns personagens, e a partir disto busca criar um vilão, usando os bichos-papões da época, ali ele é o “judeu”, o “maçon” e até o “socialista” (!!!). É a construção de um inimigo ideal para Getúlio Vargas, sob medida para as massas, em sua ignorância, odiarem. As massas, por séculos, visualizam o judeu apenas por seus estereótipos.

O governo Vargas, como todas as vocações ditatoriais contemporâneas, também possuía a sua face anti-semita. Maria Luiza Tucci Carneiro, em “*O Anti-semitismo na Era Vargas (1930-1945)*”, foi a

fundo e dissecou brilhantemente este rosto do ditador. Porém seu enfoque principal foi desmistificar a abertura das fronteiras brasileiras para o refugiado europeu, em especial o judeu. Lidando com a documentação do Ministério das Relações Exteriores percebe-se claramente a orientação anti-semita da burocracia de Getúlio. Porém pouco se diz neste trabalho, e também não era o seu objetivo, do preconceito contra o cristão-novo nativo, que coexistia em paralelo com o anti-semitismo clássico.

O sentimento anti-semita voltava à intolerância dos tempos inquisitoriais. A hostilidade aos judeus, não ficava apenas nas barreiras migratórias, como também à associação destes ao momento político interno.

Em fins de 1936, foi deportada, para ser assassinada pelos nazistas, Olga Gutmann Benario, esposa do capitão Luís Carlos Prestes, qualificada como sendo de “*raça israelita*”.

A onda anti-semita culminou com a apresentação do “*Plano Cohen*”, documento forjado pelo capitão Olímpio Mourão Filho, em setembro de 1937, que serviu para justificar a ditadura do Estado Novo.

O folheto nasceu neste momento político. Isto fica claro pela escolha do alvo. Assim, como para o médico, existe o feiticeiro, o historiador também tem o seu mistificador. Este defende uma história conspiratória do mundo, acredita piamente que os homens que governam fazem parte de um complô, acredita em sociedades secretas e demoníacas. Este “historiador” tem no anti-semitismo um cardápio que alimenta a sua alma doente.

Mas vamos ao que o anônimo autor tem a dizer. Suas teses são singelas: Armando de Salles Oliveira não é Armando de Salles Oliveira, e sim Armando Feldman Moretzsohn, e estaria ligado aos Mesquitas, cujo patriarca seria “*Rabino em Campinas e chefe do Kahal paulista*”, um grupo “*notoriamente ligado as finanças judaicas internacionais*”. Nesta barafunda toda, “acusa”o político de “*socialista*”, afinal é o “*Leon Blum do Brasil*”, mas se contradiz, afirmando que junto ao banqueiro Numa Oliveira, representariam a “*judiaria capitalista no Brasil*”. Se não bastassem tantas asneiras juntas, Oliveira, além de não ser ele mesmo, seria também “*maçon, grao 33*”, aliás, “*judeu e maçon*”. E rematava aos carneirinhos brancos da época: “*catholicos!...cuidado!...cuidado!...*”

Desalinhe os pois as besteiras do autor, que se não foi, esteve muito próximo a Gustavo Barroso.

Qual era a genealogia verdadeira de Armando de Salles Oliveira?

Ele era filho de Francisco de Salles Oliveira Jr., e este filho de um português do mesmo nome, que se estabelecera em Jacareí, onde se casou com a filha do alferes João da Costa Leitão Gomes. A mãe de Armando era filha de Antonio Nicolau de Sá, português de Mirandelo, casado com a brasileira Ana Cândida Vieira Bueno, irmã da mãe do poeta Vicente de Carvalho, este, casado com Ermelinda Ferreira de Mesquita, irmã do primeiro Júlio Mesquita. Da união das duas famílias, não nasceu apenas Armando, mas também a empresa “Salles Oliveira e Sá, Comissária de Café”. O engenheiro Francisco de Salles Oliveira, entre outras atividades, terminou dirigindo a Mogiana. O seu filho Armando casou-se com os Mesquitas, gente de Campinas.

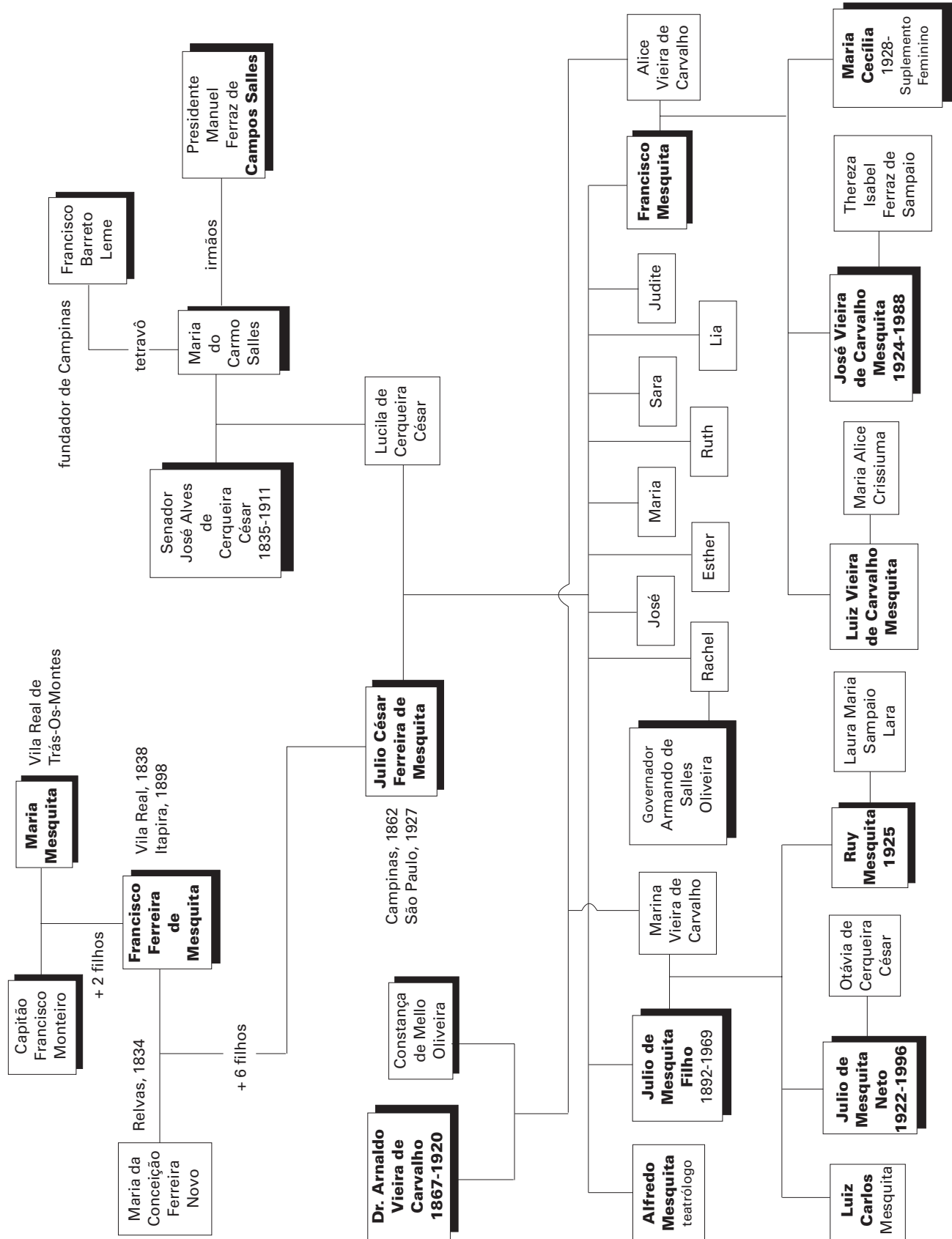
Então o que há de verdade neste folheto?

Louve-se que o autor conseguiu grafar corretamente o nome de sua vítima. É Armando de Salles Oliveira mesmo, e não como tem sido homenageado obliquamente: Av. Salles de Oliveira (sic), ou na cidadezinha homônima (sic). Fora isto, são poucas as verdades completas. Tanto ele, Armando, quanto o Mesquita, podem descender de cristãos-novos portugueses, porém são poucos os contatos que eles mantiveram com a comunidade judaica da época.

Pesquisando bastante, descobrimos como mau genealogista chegou a tão disparatada genealogia.

Viveram em Campinas, no final do século passado, um Moretzsohn de origem ashkenazi e um Mesquita rabino, e daí o estalo de gênio deste “historiador”. O primeiro foi Francisco Xavier More-

¹⁰Cf. Frederico de Barros Brotero, “*A Família Monteiro de Barros*” (SP, 1951), pp. 138-9.



tzsohn, diretor do Colégio “Culto à Ciência” em Campinas entre 1874 a 1875. Ele fôra sócio da empresa comercial carioca “Antonio de Oliveira e Castro & Co.”, descendente de Moretzsohns da Prússia, imigrados ao Brasil no início dos 1800’s, e que se mesclaram na população cristã, casando-se com mulheres nativas. O mais famoso deles foi David Moretzsohn Campista (1863-1911), citado no folheto, mas cujo nome verdadeiro era este mesmo, sendo filho de Emilia Moretzsohn e Antonio Leopoldo da Silva Campista. Mas o anti-semite é mais esperto: Campista é Feldman, e até o Armando também é Feldman, mesmo não sendo Campista nem Moretzsohn.

O Mesquita rabino é plenamente conhecido, trata-se do Dr. Samuel Edouard da Costa Mesquita (1837-1894), dentista nascido na França, morador em S. Paulo, onde está enterrado, casado com Mary Roberta Amzalak, o “*ramo de murta a recender cheirosa*”, musa do poeta Castro Alves, e que ia a Campinas para exercer o prosaico ofício odontológico¹¹. Era judeu, não escondia isto de ninguém, vivia como tal, portanto somente a má-fé pode confundir-lo com o Francisco Ferreira de Mesquita, com quem não mantinha laços de parentesco.

Percebe-se que o panfletário descobriu uma empresa, “Antonio de Oliveira e Castro & C.”, cujo sócio fôra Francisco Xavier Moretzsohn¹², morador em Campinas. Um dentista e rabino, Samuel Mesquita, que também ia a esta cidade. Aproveitou a circunstância que a empresa comercial de Armando de Salles Oliveira tinha uma razão social parecida, “*Salles Oliveira e Sá*”, e que este era casado com Rachel Mesquita, neta de Francisco de Mesquita, de Campinas. Ajuntou a estes ingredientes a possibilidade da origem cristã-nova dos personagens, expandiu sua fantasia, estava pronto o folheto, que logo seria desmentido pelo fatos, pois Armando de Salles Oliveira, morreu catolicamente, recebendo “*logo após ao cair da tarde, pelas sete horas, a Extrema-Unção*”, como escreve o seu biógrafo¹³.

Assim nota-se que este folheto, não faz parte apenas da campanha eleitoral de 1937, mas também, pensando melhor, numa ilustração ou rodapé para uma futura história da estupidez humana, ainda por escrever.

Nossos contemporâneos: os “Júlios” e os “Chicos”.

Qualquer genealogia culmina com a apresentação da geração contemporânea. Este ensaio genealógico não é exceção. Nele relacionamos também os Mesquitas de nosso dia a dia, e que são os filhos e netos do “Dr. Julinho” e do “Dr. Chiquinho”, que dentro do grupo empresarial desenvolveram aptidões de acordo com a suas posições nos subtroncos familiares: há os “administradores” (os “Chicos”) e os “editores” (os “Júlios”)¹⁴.

Aos três filhos de Júlio de Mesquita Filho coube cuidar da editoria do jornal: O mais velho, **Júlio de Mesquita Neto** (S. Paulo, 11-12-1922 - id., 05-06-1996), foi o terceiro do nome, e também o terceiro a dirigir o jornal, sucedendo seu pai em 1969. Casado com Otávia de Cerqueira César, a “Zulu”. Tiveram dois filhos: **Júlio César Ferreira de Mesquita** (1951) e **Marina Cerqueira César Mesquita** (1956).

O segundo filho, **Ruy Mesquita** (S. Paulo, 16-04-1925), é diretor do “*Jornal da Tarde*”, casado com Laura Maria Sampaio Lara, a “Laurita”. São os pais de : **Ruy Mesquita Filho** (1950), **Fernão Lara Mesquita** (1952), **Rodrigo Lara Mesquita** (1954) diretor da “Agência Estado” desde 1988, e **João Lara Mesquita** (1955).

¹¹ José Maria Abecassis. “*Genealogia Hebraica. Portugal e Gibraltar. Sécs. XVII a XX*”, I, 346-8.

¹² Egon & Frieda Wolff. “*Dicionário Biográfico (II). Judeus no Brasil. Sécs. XIX*” (RJ, 1987), p. 292.

¹³ A.C. Pacheco e Silva. “*Armando de Salles Oliveira*” (SP, 1980).

¹⁴ Veja. “*A troca da Coroa*”, 27-01-1988

E finalmente, o filho caçula de Julio Mesquita Filho, **Luiz Carlos Mesquita**, o “*Carlão*” (S. Paulo, 1929 - 1970), casado com Sarah Marjorie, pais de **Patrícia Maria de Mesquita** (1960).

Os filhos de Francisco Mesquita também foram três : Luiz, José e Maria Cecília Vieira de Carvalho Mesquita:

Luiz Vieira de Carvalho Mesquita (1921), casado com Maria Alice Crissiuma, filha de Ruy de Freitas Crissiuma e Alice (de Souza Queiróz) Crissiuma¹⁵ e depois com Daisy Catoira. São filhos do seu primeiro casamento : **Roberto Crissiuma Mesquita** (1959), diretor comercial do Grupo desde 1991, **Maria Luiza Mesquita** (1961), **Fernando Mesquita** (1962) e **Ana Maria Crissiuma Mesquita** (1964).

José Vieira de Carvalho Mesquita, o “*Dr. Juca*” (1924 - 1988), foi Presidente do Grupo O Estado de S. Paulo e também de seu Conselho Consultivo. Foi casado com Thereza Isabel Ferraz de Sampaio e são os pais de : **Francisco Mesquita Neto**, o “*Chiquinho*” (1955), diretor-superintendente do “O Estado de S. Paulo”, casado com Mônica Mesquita. **Ana Alice Mesquita** casada com o primo Cláudio de Salles Oliveira; **Izabel Tereza Mesquita** casada com o primo Sérgio Luís Coutinho Nogueira, trineto do presidente Campos Salles¹⁶, e **Maria de Nazareth Mesquita**.

E a filha caçula de Francisco Mesquita : **Maria Cecília Vieira de Carvalho Mesquita** (1928), diretora do “*Suplemento Feminino*”.

Com este ensaio procuramos contribuir para a bibliografia genealógica nacional. Escolhemos para tanto, não apenas a mais importante dinastia de editores e jornalistas brasileiros, mas também uma família que reúne em suas origens todas características de uma família luso-brasileira, antepassados quatrocentões e imigrantes recentes, mas de procedência portuguesa, agindo endogamicamente. Poderíamos tê-lo escrito com outra abordagem, explorando por exemplo seu lado aristocrático. Foi apenas uma questão de escolha.

¹⁵ Maria Alice Crissiuma, pelo lado materno, é trineta materna do Brigadeiro Luís Antonio e do Senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro.

¹⁶ “*Galeria dos Presidentes da República (IV). Manuel Ferraz de Campos Sales*”, em “*Brasil Genealógico. Revista do Colégio Brasileiro de Genealogia*”, tomo II, n. 1, 1963, pp. 1-6.

Bibliografia:

- Brotero**, Frederico de Barros. “*Tribunal de Relação e Tribunal de Justiça. Sob o ponto de vista genealógico*” (pp. 303-309 / S.P., 1944).
- Campos Jr.**, Teodoro de Sousa. “*História da Fundação de Campinas (Subsídios)*”, in “*Monografia Histórica do Município de Campinas*” (pp. 142-168 / RJ, 1952).
- Dines**, Alberto. “*Vínculos do Fogo (I)*” (SP, 1992).
- Jornal da Tarde**. Caderno de Sábado. “*Júlio de Mesquita Filho. 100 anos sob o signo da atualidade*”. (15-02-1992).-
- Matiussi**, Dante. “*Julio de Mesquita (de pai para filho desde 1891)*”, in **Imprensa**, janeiro de 1988, pp. 42-6.
- Mesquita**, Alfredo. “*Na Europa fagueira*” (RJ, 1942).
- Mesquita**, Esther. “*Um livro de memórias sem importância*” (SP, 1981).
- O Estado de S. Paulo**. “*Adeus. Júlio de Mesquita Neto (1922-1996)*” (06-06-1996)
- O Estado de S. Paulo**. Cultura. “*Julio de Mesquita Filho. 100 anos*” (15-02-1992)
- Pires**, Mário. “*Campinas, sementeira de ideais (vultos e tradições)*”, vol. 1 (pp. 131-149 / Limeira, 1981).
- Sant’Ana**, João Gabriel. “*Genealogia Sebastianense*” (pp. 136-137, 276-279, 329-330 / SP, 1976).
- Silva**, A.C. Pacheco e. “*Armando de Salles Oliveira*” (SP, 1980).
- Sousa**, José de Campos e. “*Processo Genealógico de Camilo Castelo Branco*” (Lisboa, 1946).
- Veja**. “*A troca da coroa*”, 27-01-1988.
- Wolff**, Egon e Frieda. “*Dicionário Biográfico (II). Judeus no Brasil. Sécs. XIX*” (RJ, 1987)

Rabino Giacomo Augusto Hasdà (Livorno, 1869 - Auschwitz, 1943)

Anna Rosa Campagnano

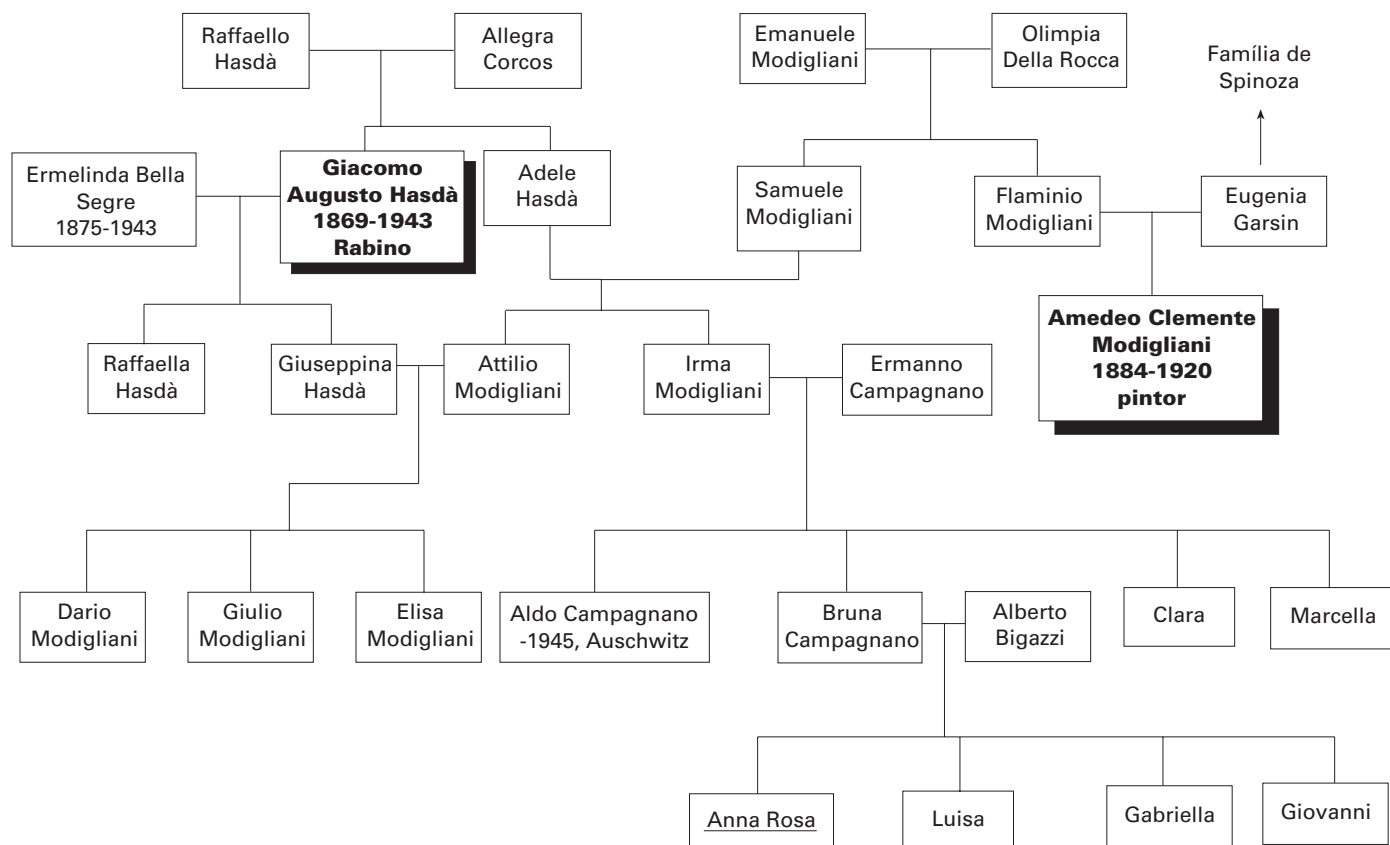
O Rabino Hasdà, não passou à história como um grande talmudista, especialista em Cabala, ou qualquer outra especialidade de sua religião. Ele teve uma educação esmerada, foi advogado e professor de Letras e Filosofia na Universidade de Pisa. Escreveu vários livros sobre a religião judaica, entre eles, “*Guida Dell’Israelita*” (Turim, 1902, 115 páginas). Mas o que marca a personalidade deste desconhecido rabino, como afirmou Armando Di Castro, atual presidente da Comunidade de Pisa, é que no momento que se exigiu grandeza, ele revelou-se forte e corajoso, o que não aconteceu até com outros famosos, que “converteram-se” naquele momento. E Hasdà, ao ser aprisionado pelos nazistas, confortou seus liderados, até o último momento, com o seu exemplo.

Giacomo Augusto Hasdà, nasceu em Livorno, em 8 de agosto de 1869, filho de Raffaello Hasdà e Allegra Corcos. Seus pais pertenciam a importantes famílias sefarditas. Ele casou-se com Ermelinda Bella Segre, apelidada Bettina, nascida em Trino, em 1875, filha de Cesare Segre e Elisa Sacerdoti. Tiveram duas filhas: Raffaella, já falecida; e Giuseppina (1898), que vive em Livorno, e que foi casada com Attilio Modigliani. Attilio chegou ao Brasil no final de 1939, permanecendo aqui por apenas sete meses, tendo sido obrigado a retornar à Itália por lhe faltar visto definitivo. De acordo com as informações de seu filho, Dario Modigliani, ele teria vindo ao Brasil na tentativa de fazer a família escapar dos rigores das leis raciais que começaram a vigorar na Itália a partir de 1938. Infelizmente o seu projeto foi frustrado.

Mas voltando ao Rabino Hasdà. Ele desenvolveu sua carreira como rabino, primeiro em Cuneo, depois passou por Turim e chegou ao ápice em Pisa, onde sucedeu ao Rabino Vittorio Benedetti, em 1908. Foi ali também professor do futuro Rabino Elio Toaff, atual líder da comunidade romana.

O rabino Hasdà deparou-se com a “tempestade nazista” na Comunidade de Pisa, que era presidida pelo comendador Giuseppe Abramo Pardo Roques (benfeitor da Sinagoga Kadoorie Mekor Haim do Porto, Portugal), e que seria barbaramente assassinado pelos nazistas em sua própria casa. O Rabino Hasdà e sua esposa foram capturados pela Gestapo no sítio Stellino, perto de Siena, de propriedade do seu sobrinho Mario Geremia Castelnuovo, e dali foram levados para Bolonha. Sabe-se, através das memórias de uma sobrevivente, que um soldado da SS, no cárcere, tomou o livro de rezas de suas mãos e, arrojando-o ao chão, comentou sarcasticamente que “*da oggi dovremo purtroppo fare a meno della vostra cultura !!*”. Nesta ocasião o Rabino Hasdà, que estava com 74 anos, não teria dito nada, apenas abaixou-se com dignidade, pegou o *sidur* do chão, colocando-o embaixo do braço. Esta é a última imagem que se tem do Rabino de Pisa, o nacionalista que se considerava um “*italiani di religione ebraica*”. No dia 14 de novembro de 1943, foi deportado pra Auschwitz, onde se tornou mais uma das seis milhões de vítimas do Shoah.

O Rabino Hasdà é o meu tio-bisavô.



Português traduz Camões e Pessoa para o Hebraico

Prof. Reuven Faingold
(Universidade Hebraica de Jerusalém)

Num dos suplementos literários do jornal israelense “*Yediot Ha-Achronot*” de seis anos atrás, foi publicada uma matéria que despertou minha curiosidade. Naquele momento, meus trabalhos de pesquisa eram tantos, que somente agora, com maior tranquilidade, posso revelar aos leitores o assunto abordado na ocasião.

Duvido que alguma vez os estudiosos do “Antissemitismo” dedicassem algumas linhas para um fenômeno radicalmente oposto, o chamado “Filosemitismo” ou seja, um desmedido amor à cultura judaica em todas suas manifestações, por indivíduos não-judeus. **Francisco de Assis Basto da Costa Reis**, nascido em Viseu (03-10-1937), graduado na antiga Universidade de Coimbra, é professor de biologia, geologia e ecologia numa escola da cidade de Leiria. Como católico praticante, ele dedicou boa parte de sua vida a uma causa nobre: estudar por conta própria e sozinho, a língua hebraica. Da mesma forma que Jorge Luís Borges estudou o hebraico com afinco e dedicação, Francisco Costa Reis chegou também a dominar perfeitamente a língua dos Profetas. Hoje, este ilustre português não só fala, lê e escreve o hebraico; mas também traduz textos literários clássicos, fazendo uso correto das regras gramaticais e de pontuação.

A escrita de Francisco Costa Reis, quando utilizadas letras hebraicas de imprensa (quadráticas), é comparável à caligrafia de um escriba (Sofer) de textos sagrados. Na hora de escrever o hebraico em letra manuscrita-cursiva, ele não deixa a desejar da escrita do cidadão israelense bom conhecedor de sua língua.

A maravilhosa história de Francisco Costa Reis, chegou inclusive até a *Associação de Escritores Israelenses*, quando um dos seus membros, Yaacov Orland, retornou de uma viagem à Ibéria. Orland visitara Espanha e Portugal à procura de material para uma obra que estava escrevendo, cuja trama principal acontecia na antiga cidade de Coimbra no século XII.

O poeta israelense já havia ouvido falar de Costa Reis por volta de 1984, através do embaixador de Israel em Lisboa, Gad Ronen, e sua secretária Tzipora Rimon. Ambos funcionários tiveram a oportunidade de encontrar-se com este distinto intelectual português.

Voltando de Portugal, Yaacov Orland recebeu de Rimon uma tradução do português ao hebraico, feita por Costa Reis, de um pequeno conto escrito pelo italiano Giovanni Pappini. Eram apenas três folhinhas manuscritas, manuscritas em “otiot defus” (hebraico de imprensa). A tradução era digna de destaque. Sem acreditar no que seus olhos viam, Orland pensou seriamente numa proposta que teve certa vez, de traduzir para o hebraico **Os Lusíadas** de Camões, o clássico da literatura portuguesa. Pois então, por que não contar com o talento de Francisco Costa Reis para tal empreendimento?

O tempo passava, certo dia, Yaacov Orland recebeu uma carta do embaixador Gad Ronen com aproximadamente 20 versos traduzidos (português-hebraico) do poeta nacional Fernando Pessoa. O hebraico escolhido pelo tradutor era formoso e a pontuação perfeita. Na parte final da carta, ele mesmo assinava: Francisco de Assis Basto da Costa Reis.

Na mesma correspondência endereçada pelo embaixador israelense ao poeta, havia outra carta do próprio Costa Reis. Lá estava escrito o seguinte trecho:

“Com minha pouca experiência como tradutor de poemas para à língua hebraica, feita mais em caráter de amator; permita-me V.S. que lhe envie alguns versos do emérito poeta Fernando Pessoa. Não posso lhe afirmar que haja nestes versos uma rima encadeada, já que tentei ficar fiel ao texto original guardando a sua rima. Procedo assim, pois considero importante preservar a beleza do discurso e o conteúdo”.



Finalmente o poeta Yaacov Orland e Francisco Costa Reis se encontraram em Portugal. O encontro marcado foi muito emocionante. Naturalmente a conversa entre eles foi em hebraico. A língua do povo judeu unia dois homens de letras: um católico amante do hebraico, e um judeu israelense. Costa Reis falava com entusiasmo do escritor Shmuel Yossef Agnon,

conhecia a obra de Amós Oz, de Chaim Guri, de Moshe Shamir, e de outros tantos escritores do moderno Estado de Israel.

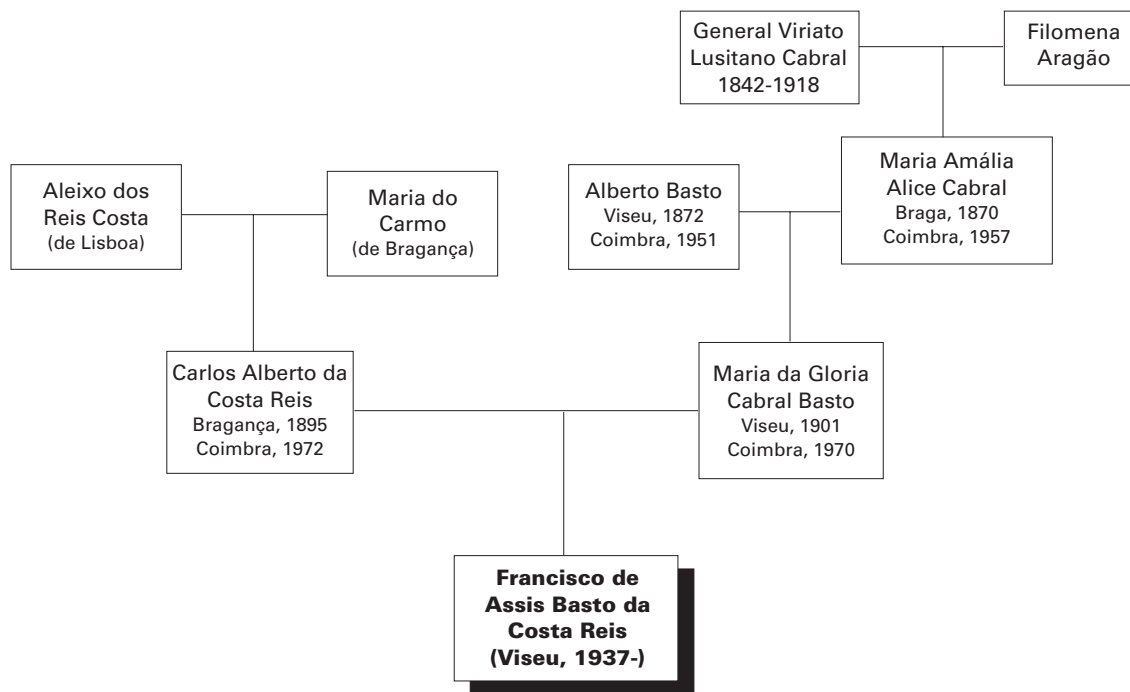
Entrevistado por um jornalista, Yaacov Orland disse que no encontro, Costa Reis vestia um terno com um escudo de David (Maguen Davi) dourado. Relatou que seu pai, Carlos Alberto da Costa Reis, era muito amigo do Dr. Aristides de Sousa Mendes, consul de Portugal em Bordeaux durante a 2ª Guerra Mundial. O Dr. Aristides, foi um *hasid umot ha'olam* por ter concedido milhares de vistos a judeus que fugiam do nazismo, a tal ponto que Salazar o demitiu. As histórias que o pai contava sobre o Holocausto, sobre a Terra de Israel, e sobre judeus em geral, teriam sido a semente que fez germinar seu amor a Israel e pela língua hebraica.

Francisco Costa Reis esclarece que seu pai era um católico profundamente convicto e praticante. Todas estas informações que seu pai lhe revelara, foram redigidas pelo próprio Costa Reis.

É curioso ler que no seu curriculum vitae entregue a Yaacov Orland, declara falar o esperanto (do ver esperanto) e gagueja em hebraico (megamguem be ivrit)...

E como se tudo isto fosse ainda pouco, entre os anos 1971 e 1973 Francisco Costa Reis serviu no exército português em Angola como oficial em uma divisão de combate. Ele é casado e tem duas filhas.

Concluimos este breve artigo com as palavras do próprio Orland: “É gratificante ver como uma pessoa que cresceu e viveu fora do âmbito judaico ou israelense, tenha um hebraico tão perfeito. A diferença entre ele e o já falecido tradutor gruzini (da Geórgia) Boris Dov Gaponov, é, que este último bebeu do manancial judaico durante toda a sua infância; enquanto que Francisco Costa Reis não escutou nunca uma palavra em hebraico e visitou Israel em 1980 apenas uma vez e por poucos dias. Não há dúvida alguma que ele é mais que uma mera curiosidade. Esse homem é um fenômeno muito especial que como judeus devemos aproximar e fortalecer.”



A Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia (ASBRAP) foi fundada em 1993 na cidade de S. Paulo, por 48 pesquisadores, notadamente de usuários de arquivos públicos. Ela promove cursos sobre o assunto e edita uma excelente revista, em forma de livro. No momento promove uma campanha sobre a preservação dos documentos guardados nos arquivos estatais. Tomou posse no mês de outubro a sua diretoria eleita para o biênio 1977-1999. Presidente : Arthur Nogueira Campos. Vice-presidentes : Manoel Valente Barbas e Roberto Machado Carvalho. Secretários: Marcelo Meira Amaral Bogaciovas e Maria de Lourdes da Silva Ramos. Tesoureiros : Maria Celina Exner Godoy Isoldi e Rodney Brunete da Cruz [Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 1910 - apto. 112-E, S. Paulo, 01318-909].

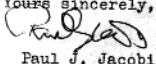
Rafel Cortès Forteza (1864-1925) foi um importante comerciante e armador em Pollensa. Era um xueta orgulhoso de sua etnia. Os xuetas pertencem a um grupo endógamo de quinze varonias cristãs-novas radicadas na Ilha de Mallorca desde os tempos imemoriais. Durante o período inquisitorial sofreram violenta repressão, foram queimados nos autos-de-fé e excluídos socialmente pelo preconceito anti-semita. O sr. Cortès, além de intensas atividades empresariais, deixou lembrança de sua generosidade, presente em muitas obras de benemerência e na assistência aos pobres. Seu neto **Llorenç Cortès**, estimulado por estas histórias, a familiar e a de seu grupo, escreveu o livro "*La Nissaga d'un Xueta*" (Mallorca, 1995), onde combinando estas vertentes, reconstruiu a genealogia da família Cortès até 1570. São 182 páginas, contendo além de um texto agradável de se ler (mesmo sendo em catalão) e muito bem fundamentado, documentação fotográfica pertinente, num volume elegante, de muito bom gosto. O que faz dele, com toda a justiça, o melhor livro que se escreveu sobre o assunto, pelas virtudes já descritas e principalmente por ter sido escrito por um xueta, transmitindo a visão interna desta história e não apenas um exercício acadêmico de algum pesquisador externo. [Llorenç Cortès Beltrán, Jaime I, 7 - Pollensa, Baleares, Espanha].

Luis Afonso Solla Soares de Lacerda, descendente de um importante clã cristão-novo trasmontano, onde se destaca a família Nunes Navarro, de origem levítica, nos mandou cópia do raríssimo livro "*Biografia e Vida Pública do 1º Visconde e 1º Conde de Lagoaça (Antônio José Antunes Navarro), II*", de Francisco Navarro, onde traça a genealogia desta nobre família e suas uniões com outras famílias cristãs-novas (Sá Vargas, Campos Henriques, Lopes Cardoso, Castro Pereira, etc.). Ao mesmo tempo ele pede notícias biográficas do seu trisavô ou tetravô, o Barão de Salgado Zenha (Manuel Salgado Zenha, *Braga, 1873 + RJ, 1894), comerciante no Rio de Janeiro, e de sua neta ou bisneta paulistana, Irene Chaim Salgado Zenha Ferreira de Lacerda, sua avó paterna. [Luis Afonso Solla Soares de Lacerda, rua Infante Santo 514-3ª P-4150, Porto, Portugal, ou kart@pobox.com].

Falecimentos

Faleceu em Jerusalém, aos 86 anos, no último 25 de julho, o **Dr. Paul J. Jacobi**, renomado genealogista e antigo vice-prefeito da cidade, onde vivia desde 1929. Nasceu em Königsberg, Alemanha, em 1911. O Dr. Jacobi dedicou-se por cinquenta anos a pesquisar as 420 principais dinastias rabínicas ashkenazim. Era reconhecido como o maior especialista nesse assunto em todo o mundo. A importância do seu trabalho não pode ser minimizada, visto que essas 420 dinastias foram o alicerce fundamental do que posteriormente seria conhecido como os ashkenazim. Conversando no seu apartamento da Rehov Alfassi com um de nossos sócios, descendente da dinastia Kaliphari-Posener, e com Guilherme Faiguenboim, diretor da SGJ/B, foi taxativo: "Genealogia para mim vai do século 11 até a Revolução Francesa. Os séculos 19 e 20 não me interessam...". Abaixo o fragmento de uma carta sua.

5. Attached hereto you will find a full bundle of copies of this my letter and of all its enclosures. Please be good enough to despatch that bundle, with the expression of my respects, to Mr. Feigenbaum whose full name and address had remained unknown to me and whose central position in Brazil's Jewish genealogical activities I had not been aware of. Mr. Feigenbaum will, I trust, be kind enough to request Mr. and Mrs. Freudenheim to let me know whether they know of any connection of them with a SPIRO family of Berlin whose four daughters (married to Weil, Ehrenbaum and Solon) appear in Kalahora (H) 8.9 - 8.12. On the other hand, to try finding between them and Mr. Freudenheim's Spiro-relatives no other connection than through the first Spiros mentioned in "Chart "A" (from my "Avotyanu" essay) would hardly be a serious undertaking.
6. As you see I had no time to write to you a short letter.

Yours sincerely,

Paul J. Jacobi.

Faleceu no último 5 de novembro, em Oxford, o filósofo "sir" **Isaiah Berlin**, considerado pelo Daily Telegraph, "o homem mais sábio da Grã-Bretanha". Nascido em Riga, Letônia (06-06-1909). Aos dez anos imigrou com a família para a Inglaterra. Alí graduou-se em Filosofia no Corpus Christi College (Oxford), fazendo carreira como professor, identificando-se com o liberalismo inglês, defendendo a liberdade do indivíduo e rejeitando qualquer forma de totalitarismo. "Sir" Isaiah Berlin era filho de Mendel e Marie (née Volshonok) Berlin, e descendia tanto pelo lado paterno como materno do talmudista RASHI. Era também descendente do Rabino Schneur Zalman de Liadi (1745-1813), o "Tanya", fundador da dinastia rabínica Schneersohn-Lubavitch. Sendo primo dos outros rabinos de Lubavitch era também do violinista Yehudi Menuhim. Berlin foi casado com Aline de Gunzbourg.



O cemitério judaico mais antigo da cidade de S. Paulo é o **Cemitério Israelita de Vila Mariana**. Muito bem conservado. Nele repousam os mortos a partir da década de trinta. Estão sepultados alí, os primeiros Klabin-Lafer, o pintor Lasar Segall, o ator idiche Cipkus, militares italianos da I Guerra Mundial como Vittorio Funaro e Hugo Piazza, dentre tantos. Do ponto de vista genealógico é uma imensa biblioteca a ser sistematizada. Pois cada lápide traz o nome civil, o nome religioso (hierônimo), a casta religiosa (Israel, Levy e Cohen), datas e locais de nascimento e morte, que se relacionadas a outras podem completar a informação que falta na sua árvore genealógica. **[Rua Lacerda Franco, 2080 - Fone: 5730414 - De domingo a 6. Feira, das 8h às 16h. Fecha aos sábados.]**

Faleceu na França, em 8 de dezembro último, o historiador **Léon Poliakov**, nascido em São Petersburgo (25-11-1910). Era o autor de uma extensa obra sobre o anti-semitismo, com muitos títulos traduzidos para o português. Mesmo sendo acadêmico, era Doutor em Letras, serviu no Exército Francês na última Grande Guerra. Participou também como especialista do Tribunal de Nuremberg, em 1945, quando foram julgados os principais criminosos de guerra nazistas.

Faleceu em S. Paulo, no último Yom Kippur (11/10), o dirigente comunal **Marcos Zlotnik**, nascido na mesma cidade (26-11-1913), filho de Elias e Ana Zlotnik, cuja biografia encontra-se ligada de forma inseparável à **Sociedade Cemitério Israelita de São Paulo - Chevra Kadisha**, uma instituição modelo dentre as sociedades israelitas do Brasil. O Sr. Zlotnik participou intensamente dessa sociedade por trinta e cinco anos, dos quais vinte e tres anos como seu presidente (1974-1997). Durante este período foram construídos o Velório, a Casa de Orações, o Centro Administrativo e de Informações no Cemitério do Butantã. Manteve impecável a manutenção dos cemitérios de Vila Mariana e do Butantã. Reformou e restaurou o Cemitério de Cubatão, e lançou as bases para o futuro cemitério do Embú. Genealogistas habituados a fazer pesquisa em cemitérios se surpreendem com a beleza e organização dos Cemitérios Israelitas da Vila Mariana e do Butantã. Além disso o sr. Zlotnik foi um grande benemérito, sendo inumeráveis as instituições amparadas por ele e pela Chevra Kadisha. Foi casado com Rosa Zlotnik e tiveram três filhos: Haydee, Suely e Milton, com grande descendência. Marcos Zlotnik será sempre uma referência para a comunidade judaica brasileira.



"sir" Isaiah Berlin, 1909-1997

Primeiro um grupo de aristocratas: o Conde de Spencer (Frederick Spencer, 1798-1857), o Barão Revelstoke (Edward Charles Baring, 1828-1897), o Duque de Abercorn (James Hamilton, 1869-1953) e o Conde de Lucan (George Bingham, 1830-1914). Em outro grupo, famílias ricas, mas de origem plebéia, Burke Roche, Work, Gill e Littlejohn. Estes são os trisavós de **Lady Dianna Frances Spencer** (1961-1997). Pelo costado paterno, integralmente fidalgo, Lady Dianna Spencer, aparentava-se à alta aristocracia britânica, tendo como primos figuras importantes da vida política e intelectual inglesa, como "Sir" Winston Leonard Spencer Churchill e "Sir" Bertrand Arthur William Russell, ambos ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura, e também o seu ex-marido, o Príncipe Charles Philip Arthur George. Além, de talvez míticamente, reivindicar uma descendência direta de Cid Campeador e Gengis Khan. Já por sua trisavó materna, Ellen Wood (1831-1877), os seus primos mais famosos viveram nos EUA: o ator Humphrey Bogart e os multimilionários Nelson Rockefeller e John Pierpoint Morgan Jr. Acrescente-se a todos estes ilustres parentes, o general Colin Powell, seu primo em quarto grau, descendente de "Sir" Eyre Coote, governador da Jamaica e de uma escrava negra.

Outros Lançamentos

Boris Fausto é um consagrado historiador brasileiro. Ele continuou o projeto de Sérgio Buarque de Holanda na coleção “*História Geral da Civilização Brasileira*”, editada pelo Difel. Nascido em S. Paulo, em 1930, ele é o resultado de duas correntes migratórias judaicas que se encontraram na cidade. Seu pai, o comerciante Simon Fausto, da Casa Fausto, nascera na Transilvânia, enquanto a mãe, Eva Salem, vinha de duas conhecidas famílias turcas: os Salem e os Arditti, de Ourla, Turquia. Contando a chegada e adaptação destas famílias ao Brasil, ele lançou o livro “*Negócios e Ócios - Histórias da Imigração*” (S. Paulo, 248 páginas), que recomendamos aos nossos leitores.

Simon Abuhab pesquisa sobre as origens onomásticas e genealógicas da família Aboab. Parte do resultado deste trabalho está em duas plaquetas editadas por ele, onde são reproduzidos trabalhos de grandes pesquisadores, que se ocuparam da mesma família. A finalidade é deixar ao alcance de novos pesquisadores, este material, cujo título é “*A Família Aboab (Aboaf-Abuhav-Abouhab-Abuhab)*”, que é raro nas bibliotecas brasileiras. [**S. Abuhab, rua Caepuxis, 456, S. Paulo, Capital, 05452-030**]

Rabino Dov Cohen, jovem e respeitado genealogista (parente do saudoso Rabino Diesendruck), especializado na comunidade de Ismirna (Turquia). Pesquisando diretamente em fontes primárias, redigiu trabalho chamado “*List of 7300 Names of Jewish Brides and Grooms Who Married in Izmir Between The Years. 1883-1901 & 1918-1933*” (27 páginas). [**D. Cohen, Nof Ayalon, POB 11. DN. Shimshon. 99784 - Israel, ou dcohen@gezernet.co.il**].

David F. Altabé, Erhan Atay e Israel J. Katz lançaram um livro lembrando o quicentário da Expulsão dos Judeus da Espanha. Intitulado “*Studies On Turkish-Jewish History: Political and Social Relations, Literature and Linguistics*” (1996, 244 páginas). Contém trabalhos de duas conferências promovidas por sociedades sefarditas de origem turca e alguns perfis biográficos: o de Jak V. Kamhi, de Louis N. Levy (1918-1994), Joseph H. Silverman (1924-1989), Rachel Israel Dalven (1904-1992) e o Haham Dr. Solomon Gaon (1912-1994). [**Sepher-Hermon Press Inc., 1265 46th Street, Brooklyn, New York, 11219**].

O genealogista **Carlos Eduardo Barata** lançou quatro fascículos, intitulados “*Famílias Brasileiras. Subsídios para um Dicionário das Famílias ...*”. O primeiro deles é sobre famílias mineiras (A,B), segue com gaúchas (A,B), bahianas (A, B/1) e paulistas (A). Sobre cada verbete há uma descrição da família, personagens importantes. No fascículo dedicado a Bahia são registradas as famílias de origem judaica : Abraham, Abreu, Albuquerque, Alkaim, Almeida, Álvares, Amzalak, Andrade, Antunes, Aredo e Ávila [**Carlos Eduardo de Almeida Barata, Rua Prudente de Moraes, 331/101, Ipanema, Rio de Janeiro - RJ, 22420-041, fax (021) 5224146**].

Judas Tadeu de Campos, professor e jornalista, é autor do ensaio “*A Influência dos Marranos no Sertão das Cutias. As Influências Étnicas e Culturais dos Judeus e Cristãos-Novos na Formação do Caipira Paulista*” (15 págs.). Onde formula algumas questões sobre as possibilidades de influência judaica na formação cultural do caipira paulista. É uma tese interessante, que, com certeza, merecerá um desenvolvimento.

Aniversário

No último 10 de agosto, completou 85 anos o escritor baiano **Jorge Amado**, o autor brasileiro de maior vendagem e traduções no exterior. Jorge Leal Amado de Faria, nascido em Auricídia, descende pelo lado paterno de uma família de origem cristã-nova, de pecuaristas instalados às margens do Rio Real, desde os primeiros tempos da colonização portuguesa. De Barnabé Amado, o primeiro antepassado documentado, descendem através dos bisnetos, o coronel Melchisedech Amado, chefe político em Estância (SE), e o coronel João Amado, fazendeiro de cacau em Itabuna (BA), além de Jorge, outros escritores e políticos importantes. São filhos de Melchisedech, o escritor, senador e diplomata Gilberto de Lima Azevedo Sousa Ferreira Amado de Faria (1887-1969) e Genolino Amado (1903-1989); e de João, Jorge e James Amado. Além de romancista, Jorge Amado militou na política brasileira como deputado federal constituinte por S. Paulo, quando apresentou (1947) lei garantindo o livre exercício dos cultos religiosos no país. Tanto Jorge quanto Genolino e Gilberto Amado pertencem à Academia Brasileira de Letras.



Jorge Amado



Ex-libris do **O Estado de S. Paulo** que reproduziria um vendedor de jornais no S. Paulo antigo. Mas aparentemente pode ser colocado dentro da iconografia messiânica judaica, conforme os dois exemplos ao lado.



SOCIEDADE GENEALÓGICA JUDAICA DO BRASIL
 Caixa Postal nº 1025
 13001-970 Campinas SP Brasil

